

# COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

Miguel Rodrigues Netto  
(Organizador)

3





**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Miguel Rodrigues Netto

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 3 /  
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0657-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.570222709>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel  
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

### **Mídias, temporalidade e processos sociais em perspectiva**

Como saber se uma obra trata do tempo presente?! Como identificar os processos sociais e culturais que afetam e são afetados pelos atores sociais deste tempo?! Pode haver diversas maneiras, mas certamente observar e analisar as mídias de uma época e as discussões a respeito delas é uma das formas, para se conhecer, tanto a temporalidade desde onde se fala, quanto os processos sociais e culturais imbrincados neste contexto.

Como ressalta o professor e pesquisador da cibercultura André Lemos, em uma entrevista para a TVUFBA (2005), as capacidades cognitivas dos seres humanos são, em grande medida, fruto de suas interações com as tecnologias, desde as mais remotas como o fogo, ou as pedras até as mais recentes como os aplicativos ou o metaverso, por exemplo. Portanto, com o correr do tempo, os avanços tecnológicos são incorporados de tal forma à vida social, que passam a se constituir, também, como textos culturais. Mas, como lembra o mesmo professor, o desenvolvimento ferramental da mídia não é sinônimo de que as relações humanas se tornem menos relevantes, pelo contrário, assim como o filósofo Zigmund Baumann (2011), Lemos (2005) diz que, quanto mais conectada a pessoa esteja, maior é sua busca por estabelecer relações com outras pessoas.

Essas mudanças nas estruturas sociais acontecem prioritariamente via suportes midiáticos, com destaque para os celulares, um dos ícones mais representativos da cultura da convergência, “onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” como explica Jenkins (2009, p. 29). Aliás, estes aparelhos são os “entes” mais próximos e familiares de cada pessoa na sociedade contemporânea. Como lembra Bauman (2011, p. 06), esses aparelhos são carregados “no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos”, transformando-se, deste modo, em espécies de próteses contemporâneas, porém com muito mais recursos do que qualquer membro humano, se visto isoladamente.

Mas ainda que estes aparelhos sejam os “entes” mais próximos e familiares da grande maioria da população, ainda não substituíram as relações humanas, que continuam a existir, mesmo via ciberespaço. Como coloca Adriana Souza e Silva (2004), as relações sociais e interações humano-humano tendem inclusive a aumentar após a ascensão da internet móvel, principalmente via celular, com os quais podemos estar em qualquer lugar. E a adesão aos aplicativos ou participações em redes sociais nos demonstram isso, pois a grande maioria deles surge para movimentar ou proporcionar relações entre pessoas, mesmo num tempo em que ninguém tem tempo a perder.

E, ainda que vejamos no cinema relações afetuosas entre humano e máquina, em filmes como: O Homem Bicentenário (CHRIS COLUMBUS, 1999), Her (SPIKE JONZE,

2014), *Ex-Machina: Instinto Artificial* (ALEX GARLAND, 2015), dentre outros, na atual conjuntura, a grande busca da humanidade ainda é por ser vista, notada e se relacionar com pessoas. Aliás, como salienta Jenkins (2009), na atualidade as produções são no geral colaborativas, sendo, portanto, possível inferir que as trocas são demasiado importantes para a construção dos saberes. Portanto, mesmo que se queira aprofundar os laços afetivos e os avanços tecnológicos contribuem para isso, na medida em que proporcionam cada vez mais acesso a relacionamentos; as pessoas, por outro lado, tem sempre menos tempo para alimentar cada relação, pois estas agora encontram-se na casa das centenas ou até milhares de conexões.

No caso do aplicativo Whatsapp, por exemplo, ao qual eu dediquei já certo tempo de estudo, seus criadores Brian Acton e Jan Koum (2012), em postagem no Blog do WhatsApp, falam sobre a vontade de desenvolver algo que deixasse os usuários acordados e que simultaneamente fosse aquilo pelo que as pessoas anseiam de manhã. Assim, o aplicativo surgiu como uma alternativa a mensagens do tipo SMS, que além de terem custos de envio, não dispunham das mesmas inovações ofertadas pelo WhatsApp, como envio de fotos, mensagens de áudio e vídeo. Eles tinham tanta razão, que o aplicativo atualmente é o mensageiro mais popular entre usuários de smartphones do mundo. Assim como tantos outros avanços tecnológicos, este surgiu para facilitar a comunicação entre as pessoas, afinal “custo e distância nunca deveriam evitar que as pessoas se conectassem com seus amigos e família” (Blog do Whatsapp, 2014) e é claro que pelo menos de início, de forma ideológica e às vezes utópica estas são criadas para serem compartilhadas “nós não vamos descansar até que todo mundo, onde quer que estejam, possam desfrutar desta oportunidade.” Deste modo, à medida que o tempo avança, as novas tecnologias são incorporadas de tal forma na vida social, que passam também a constituir os textos culturais da sociedade.

No caso específico do WhatsApp sua relevância social ganhou mais notoriedade e tornou-se consubstanciada ao alcançar a marca histórica de 1bilhão de usuários, em fevereiro de 2015. Tornando-se um dos poucos serviços que conectam esta quantidade de pessoas. O post “Um bilhão” datado de 01 de fevereiro de 2016 disponível no Blog do WhatsApp diz “(...) quase uma em cada sete pessoas na Terra usa WhatsApp todo mês para estar em contato com seus amados, amigos e família”. O mesmo post apresenta diversas situações sobre o uso ou inserção do WhatsApp “Seja ao compartilhar informações vitais durante um desastre natural, uma situação emergencial de saúde, ou ao marcar um encontro, começar um pequeno negócio, comprar um anel de noivado, ou simplesmente na esperança de encontrar uma vida melhor” apresentando-o como uma ferramenta facilitadora e propagadora da comunicação e consequente colaboração humana. A partir desta colocação é possível pensar neste aplicativo, como algo ligado e projetado para o tempo do lazer/fruição, porém, o aplicativo pode servir paradoxalmente como uma ferramenta capaz de “aumentar” o tempo que as pessoas dedicam ao trabalho.

A sociedade contemporânea tem seus meios de pressionar os cidadãos para que fiquem on-line 24 horas, seja para o trabalho ou para o lazer/fruição. Deste modo, o telefone celular, objeto que há algumas décadas atrás não fazia parte do cotidiano da maioria das pessoas, hoje assume papel de protagonista e segue o tempo todo junto (literalmente), da imensa maioria, do nascer a muito depois do pôr-do-sol. O que faz com que os recados enviados pelo WhatsApp sejam realmente mais eficientes, ou mais rapidamente vistos, do que os transmitidos por grupos de Facebook ou pelos antigos SMS. Para uma sociedade ansiosa, construída sob a égide da descontinuidade, da volatilidade e da fluidez, uma função que certifique a entrega e leitura das mensagens enviadas vem bem a calhar. Talvez com isso em mente e tendo como plano de fundo a questão de “economia” de tempo, a equipe do aplicativo lançou os tiques azuis, que aparecem do lado das mensagens.

É navegando por esta enseada que o livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 3” vai desenhando sua rota e dialogando com questões sociais prementes da contemporaneidade, dentre elas: a busca por resgatar o convívio, entre os discentes/estagiários do Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), fortemente abalado pela Pandemia de Covid19; a representação da vítima de feminicídio nas reportagens do Jornal Nacional; o uso de *soft power* pelo exército sul coreano, que importou estratégias da indústria do K-pop para transformar esse serviço em uma experiência cultural geradora de renda e propagandas positivas para as forças armadas, quando o ídolo Park Chanyeol, membro do grupo EXO, realizou seu alistamento; a explanação sobre como a cultura adquire e organiza o conhecimento em um determinado período histórico; a análise de promoção das marcas inseridas em uma narrativa seriada; as dimensões textuais, a prática discursiva e social que envolve o Superman, personagem ideológico, que não existe concretamente, mas que possui um discurso real e que pode inspirar pessoas e ainda, o paradigma estabelecido a despeito da necessidade de comunicação e transmissão de saberes entre as comunidades rurais, populares, camponesas e ou afrodescendentes com a comunidade científica, evidenciando o papel da comunicação nos processos de Apropriação Social do Conhecimento.

Todas essas questões colaboram para a construção desta teia complexa e repleta de nós e emaranhados, que vai se consolidando como o próprio tecido social. Assim, na medida em que, a sociedade vai interagindo e modificando os discursos, as práticas e as epistemes geram novos sentidos para as tantas discussões, análises e observações que são devidamente amarradas e orquestradas pela batuta do pesquisador Miguel Rodrigues Netto, organizador da presente obra.

Desta maneira, o livro adquire ritmo cadenciado e as pesquisas aqui apresentadas traçam o panorama de um presente contínuo, que vê seu passado com olhos críticos, já que este é um processo contínuo de interpretações construídas pelo historiador que se debruça sobre o contexto e se esforça em desvendá-lo (FOUCAULT, 1999). E, de um futuro composto por um misto de preocupação e esperança.

Preocupação pelos tipos de relação que vem se estabelecendo, ou seja, a superficialidade, ou como preferia Bauman (2011), a liquidez das relações. E esperança porque a contemporaneidade vai adaptando o que era visto como desvantagem e agregando sempre novas perspectivas, olhares e ideias, adicionando soluções, como demonstram alguns exemplos que serão apresentados no decorrer do livro, dentre elas: a saída encontrada pelos responsáveis pelo Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), do curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) com o uso do aplicativo Discord para o gerenciamento das rotinas de produção do mesmo; o uso de *software* para prevenção ao uso de drogas, ou ainda, como sonhara Pierre Levy, lá atrás nos primórdios da cibercultura, a comunicação como ponte para apropriação social do conhecimento.

É uma obra panorâmica sobre a sociedade contemporânea, que abarca discussões e reflexões para uma gama ampla e complexa de questões. Com perspectivas críticas que podem contribuir para a construção de um futuro mais equilibrado para a humanidade, sobretudo a partir da comunicação mais equitativa e reflexiva.

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

JORNAL LABORATÓRIO PONTO DE PARTIDA: O USO DO APLICATIVO DISCORD PARA SIMULAR UMA REDAÇÃO JORNALÍSTICA

Mirian Martins da Motta Magalhães

Telma Regina Esteves Lanini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227091>

### **CAPÍTULO 2..... 14**

FEMINICÍDIO NO HORÁRIO NOBRE: QUEM É A VÍTIMA REPRESENTADA NAS REPORTAGENS DO *JORNAL NACIONAL*?

Janie Kiszewski Pacheco

Gabriella Elisa Machado Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227092>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO: DOS TAMBORES TRIBAIS ÀS TRIBOS DO METAVERSO

Geraldo Pieroni

Eduardo Fernando Uliana Barboza

Giovana Ferri

Joao Victor Silva de Sousa

Leandro Rachel Arguello

Marcos Antônio Nunes

Pedro Gabriel de Souza e Costa

Priscila Guglielmin

Roberta C. Gobbi Baccarim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227093>

### **CAPÍTULO 4..... 52**

NARRATIVAS SERIADAS E MERCHANDISING EDITORIAL: MARCAS INSERIDAS NA MINISSÉRIE VERDADE SECRETAS

Fabio Henrique Feltrin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227094>

### **CAPÍTULO 5..... 67**

USO DA MÍDIA ELETRÔNICA COMO AGENTE DE EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E RECUPERAÇÃO DE TOXICÔMANOS

Janecler Foppa

Joaquim José Jacinto Escola

Otilia Monteiro Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227095>

### **CAPÍTULO 6..... 80**

DE *IDOL* A SOLDADO E DE SOLDADO A *IDOL*: COMO A COREIA DO SUL

TRANSFORMOU O SERVIÇO DE PARK CHANYEOL EM UM EVENTO CULTURAL

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227096>

**CAPÍTULO 7..... 99**

SUPERMAN: ENTRE QUADRINHOS, DISCURSO E 11 DE SETEMBRO

Marcelo Travassos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227097>

**CAPÍTULO 8..... 113**

ELEMENTOS DE HIBRIDISMO CULTURAL NA MÚSICA *LOIRINHA BOMBRIL* DE PARALAMAS DO SUCESSO

Miguel Rodrigues Netto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227098>

**CAPÍTULO 9..... 127**

COMUNICACIÓN, PUENTE PARA LA APROPIACIÓN SOCIAL DEL CONOCIMIENTO

Maira Alejandra Meléndez Nieto

Andrea del Pilar Pabón Méndez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227099>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 140**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 141**

# CAPÍTULO 1

## JORNAL LABORATÓRIO PONTO DE PARTIDA: O USO DO APLICATIVO DISCORD PARA SIMULAR UMA REDAÇÃO JORNALÍSTICA

*Data de aceite: 01/09/2022*

*Data de submissão: 09/07/2022*

### **Mirian Martins da Motta Magalhães**

Professora do Curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio, Mestre em Tecnologia pelo CEFET/RJ Duque de Caxias, RJ  
<http://lattes.cnpq.br/4411556383720788>

### **Telma Regina Esteves Lanini**

Professora dos Cursos de Comunicação Social da Universidade do Grande Rio, Mestre em Humanidades, Culturas e Artes pela UNIGRANRIO Duque de Caxias, RJ  
<http://lattes.cnpq.br/4274587212251402>

**RESUMO:** O artigo propõe refletir sobre o uso do aplicativo Discord no gerenciamento das rotinas de produção do Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), pertencente ao curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Com a chegada da pandemia do COVID-19 ao Brasil, especialmente ao Estado do Rio de Janeiro, e o fechamento das instituições de ensino, o JPP se viu afetado de forma mais dura, uma vez que as atividades desempenhadas antes em uma redação física passaram para o modelo remoto. À princípio essa foi a alternativa que se apresentou possível, mas que também demonstrou fragilidade. Na busca por resgatar o convívio entre os discentes/estagiários, mudanças foram introduzidas,

culminando na introdução do Discord, o qual se mostrou bastante propício e adaptável às necessidades de uma redação jornalística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Tecnologia; Discord; Prática; Reflexão.

### LABORATORY NEWSPAPER PONTO DE PARTIDA: THE USE OF THE DISCORD APPLICATION TO EMULATE A NEWSROOM

**ABSTRACT:** The article proposes to reflect on the use of the Discord application in the production of the management routine for the Laboratory Newspaper Ponto de Partida (JPP), which is part of the Journalism course at the University of Grande Rio (UNIGRANRIO). With the arrival of the COVID-19 pandemic in Brazil, especially in the State of Rio de Janeiro, and with educational institutions being closed, the JPP was severely affected, since the activities previously performed in the physical newsroom changed to a remote model. At first, this was the alternative that presented itself as possible, but it also showed fragility. In the quest to rescue the human interaction between students/interns, changes were applied, culminating in the introduction of Discord, which proved to be a quite favorable and adaptable tool to the needs of a newsroom.

**KEYWORDS:** Journalism; Technology, Discord, Practice, Reflection.

## 1 | INTRODUÇÃO

Os jornais laboratórios vinculados às graduações em jornalismo não são uma

novidade, embora sempre conservem seu frescor e juventude. São espaços que simulam a realidade das rotinas de trabalho, que promovem a interação, o trabalho em parceria e, principalmente, a discussão, a reflexão sobre o jornalismo e suas práticas. Também servem para experimentações, novas modelagens, inovação.

Assim, o artigo propõe analisar e refletir sobre uma nova rotina adotada no Jornal Laboratório Ponto de Partida, pertencente ao curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), a partir da chegada do COVID-19. No dia 16 de março, pouco mais de um mês do início das aulas do primeiro semestre de 2020, o estado do Rio de Janeiro, bem como quase todo o país, passou a adotar aulas remotas em todos os níveis de ensino, visando o afastamento social imposto para o controle da pandemia.

Da noite para o dia, as instituições de ensino tiveram que elaborar estratégias para manter o fluxo de aprendizagem e o interesse dos alunos no mesmo. Certamente só este fato possibilita muitas reflexões, mas o foco do artigo é a rotina que passou a ser adotada para a condução do Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), que deixou de ser presencial e diária e passou para o regime remoto, com posterior ajustes e nova modelagem de gerenciamento das atividades.

A partir das experiências vividas, algumas satisfatórias, outras nem tanto, a introdução de uma ferramenta tecnológica por fim será o objeto da análise, buscando identificar e compreender os obstáculos ao longo do caminho, mas principalmente apreciar as conquistas, o que elas mostram e trazem de aprendizado a docentes e discentes.

A hipótese que a análise parte é que o que é estranho, diferente, sempre causa desconforto e desconfiança, mas ao mesmo tempo traz desafios e estímulos diferenciados. A proposta de nova modelagem de gestão do jornal que o afastamento social imposto pela pandemia trouxe proporcionou múltiplos questionamentos, os quais formam o objetivo principal do artigo, que é pensar sobre algumas práticas educacionais auxiliadas pela tecnologia, o quanto elas podem ser aplicadas sem prejuízo para os discentes, mas também reverenciar práticas já consagradas e que sempre devem ser consideradas.

O tema da análise proposto se justifica por diferentes aspectos, pela própria discussão que a educação hoje promove (uso de metodologias ativas, educação transformadora, inserção de recursos tecnológicos, o aluno como protagonista de seu aprendizado, etc.), mas também pelo viés da formação em jornalismo, profissão que tem sofrido duras críticas além de estar passando por profundas modificações em suas rotinas e metodologias.

## **2 | O JPP E O GERENCIAMENTO DAS AÇÕES NA PANDEMIA**

Muitas instituições de ensino adotam o modelo dos jornais laboratórios ou de agências de produção de conteúdo, às vezes no formato de projeto extensionista, como forma de colocar os discentes a serviço de propostas oriundas de comunidades ou instituições próximas à IES, ou mesmo oferecendo soluções para empresas ou organizações de

menor porte. Outras vezes, as agências ou jornais estão inseridas no escopo de disciplinas obrigatórias, como Estágio Supervisionado, tornando-se uma das oportunidades de prática que o graduando pode ter acesso ao longo de sua formação.

Este é o caso em particular do objeto de análise desta reflexão, o JPP. Ele é um espaço de prática das rotinas produtivas de uma redação jornalística e está ligado às disciplinas Estágio Supervisionado I (100h) e Estágio Supervisionado II (100h), carga mínima recomendada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (MEC, 2013, pág.6) para o estágio curricular supervisionado.

O JPP reúne alunos do curso de Comunicação Social com o objetivo de produzir conteúdos jornalísticos diversos. No início foi publicado de forma impressa, com periodicidade bimestral, e distribuído somente para o público interno da universidade. Num espaço que reproduz o ambiente de uma redação, inicialmente o Jornal Laboratório Ponto de Partida tinha como principal produto, além da parte impressa, produção diária de notas para a página no Facebook, atualização bi semanal do blog na plataforma wordpress, e produção do Minuto Notícia, um informativo de apenas um minuto em vídeo no qual os estagiários chamavam atenção para as notícias mais relevantes da semana. Os estagiários também colaboravam com sugestão de pautas e com a cobertura para o jornal O Dia. As matérias dos alunos eram publicadas no Caderno Baixada, veiculado aos domingos em toda a região.

O projeto passou em 2019 por uma grande reformulação e hoje trabalha com jornalismo digital, estando também presente nas redes sociais. Segundo Elias Machado “jornalismo digital representa uma adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade a um novo suporte comunicacional, a tecnologia de transmissão digital de informações.” (MACHADO, s/d)

O JPP tem como principais editorias *Cultura e Entretenimento, Esportes e Cidade*. Além disso, produz podcasts, reportagens audiovisuais, e produtos jornalísticos especialmente para as redes sociais. Os alunos na sétima e oitava fase do curso devem inscrever-se nas disciplinas de Estágio, e podem optar por realizar a parte prática fora da IES ou atuando no JPP. Os que preferem desenvolver o estágio junto ao JPP têm oportunidade de experimentar rotinas muito próximas a uma redação de fato, contando com um espaço físico próprio para o desenvolvimento das atividades, com infraestrutura adequada e que atende às demandas de uma redação jornalística. Dependendo do quantitativo de alunos, uma vez que ele muda a cada semestre, uma agenda de escalonamento de presença física e tarefas é sempre construída, buscando proporcionalidade e variedade nas atividades a serem desempenhadas.

Uma outra novidade introduzida no JPP foi a participação de alunos de Publicidade e Propaganda como estagiários voluntários, os quais atuam especialmente no planejamento gráfico das peças que fazem a chamada para as matérias, tanto no site do jornal quanto nas redes sociais. Aliás o ganho estético após a chegada dos voluntários de PP é perceptível

no desenvolvimento do uso das redes sociais, especialmente do Instagram. Não só pela qualidade das peças, mas pela possibilidade de uso da rede de forma melhor e mais adequada, e posterior ajuda no desenvolvimento de estratégias próprias ao Instagram.

Vale ressaltar o caráter interdisciplinar na adoção desta integração dos alunos de Publicidade e Propaganda aos de Jornalismo, que compreende a correlação dos conhecimentos em ambas as áreas, e não apenas pela possibilidade da atuação e da vivência da prática de ferramentas e aspectos profissionais, mas, principalmente, pela oportunidade de os alunos contextualizarem e refletirem sobre as temáticas sociais abordadas nas notícias e trabalhadas nas peças publicitárias. O aspecto necessário ao trabalho interdisciplinar “decorre da própria forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social” (FRIGOTTO, 2008, p.43), e ao mesmo tempo, da natureza intersubjetiva de sua apreensão.

A filosofia de gestão atual do JPP, além de contar com orientação constante de professores formados e com experiência na área do jornalismo, compreende também organizar as tarefas de modo que os alunos possam passar por diferentes segmentos, como produzir material para diversas editorias (desenvolvimento de pautas com temáticas múltiplas), além de ter acesso ao trabalho desempenhado ao longo da rotina de produção, desde a pauta, pesquisa e apuração, redação/produção, edição e finalização estética do produto. Ferrari (2014) adverte para as constantes transformações que o jornalismo tem passado, tanto no processo de apuração quanto na construção das notícias, e destaca que fatores tanto internos quanto externos podem interferir na matéria-prima do jornalismo, a informação, pois esta também está em processo de mutação. Isso significa que não só as rotinas têm sido impactadas pela tecnologia, mas a informação também, pois chega com mais rapidez, deve ser mais completa, uma vez que o público está cada vez mais exigente, e as pautas apresentam mais diversidade de temas e angulações, buscando atender aos anseios de uma sociedade mais plural e democrática.

Como há uma disciplina que conduz a produção do jornal, no dia e horário estipulado na grade dos alunos, há uma reunião de pauta, na qual o principal objetivo é programar a produção semanal do jornal, buscando assuntos atuais e importantes, com o cuidado de desenvolvê-los com uma angulação que proporcione à matéria um tempo de vida maior. Assim, a contextualização ou mesmo olhares diferentes de especialistas ou atores envolvidos com a temática é sempre buscado, visando dar factualidade à notícia, mas também maior perenidade e despertar interesse do público.

Outro aspecto importante na rotina do JPP é a atenção para a repetição de temáticas, o que é comum aos discentes. Eles costumam buscar assuntos de seu interesse, o que leva à produção de boas reportagens, mas que limitam com a recorrência algumas competências essenciais à prática jornalística, como lidar com diferentes linguagens, acesso a fontes diversificadas e conhecimento acerca de outras temáticas, além de estreitar a pesquisa e a apuração jornalística.

A rotina descrita de forma breve, desde 2019, quando foi realizada a implementação da conversão do jornal impresso para o meio digital, vinha sendo mantida, com pequenos ajustes, os quais são introduzidos à medida que algumas arestas necessitam ser aparadas. O ingresso de alunos de Publicidade nas atividades do jornal é um exemplo, pois havia um déficit com relação ao desenvolvimento da parte estética, como as peças e demais elementos necessários para um melhor aproveitamento das redes sociais e do próprio site.

Porém, em março de 2020 a pandemia chegou de forma efetiva no Brasil, e a condução das atividades no JPP tiveram que ser revistas. Soluções para que o trabalho desenvolvido não parasse, muito pelo contrário, se mantivesse e com ritmo, tiveram que ser implementadas de imediato, já que não havia tempo para testes.

A primeira ação foi passar o trabalho realizado pelos alunos para o sistema home office. A determinação ocorreu de uma semana para a outra, o que ocasionou desconforto e desconfiança. Somado a isso, não apenas o estágio passou a ser cumprido de casa, mas as aulas das disciplinas cursadas também. O que em princípio foi colocado como uma alternativa para manter as atividades por duas, no máximo quatro semanas de suspensão das aulas presenciais, tornou-se o habitual, o recorrente, o modelo a ser trabalhado dali por diante.

É no instante que o efêmero se torna (ou se percebe como) constante, fixo, que os problemas mostram-se patentes, e aí as soluções até então aplicadas precisam ser revistas. Será que elas são as mais acertadas?

## **2.1 Gestão de crise**

No dia 16 de março de 2020 as aulas foram suspensas. À princípio por uma semana, mas a determinação do Estado acabou se estendendo por todo o primeiro semestre. Houve um período de uma semana para acertos, tomadas de decisão, mas na segunda semana após a paralisação foi necessário expor para os estagiários um novo modelo de gestão do JPP e das atividades desenvolvidas. O que se apresentou como lógico de imediato foi passar o trabalho para o modelo home office.

As horas anteriormente cobradas in loco (no espaço físico, na redação do JPP que existe na IES) foram convertidas em horas de trabalho compatíveis com a construção de um produto jornalístico. Assim, as 8 horas semanais cobradas foram transpostas para uma rotina comum e a ser mantida por todos os estagiários: produção de pauta, pesquisa e apuração, redação, edição da matéria, do produto finalizado. Entretanto, este modelo, que era de certa forma a rotina já desenvolvida no dia a dia na redação, no formato home office se mostrou frágil, pois os alunos passaram a enviar logo no início da semana “matérias” muito vazias, carecendo de apuração, de rigor jornalístico, apenas para “cumprir” as horas exigidas.

A solução de imediato, além de estímulo ao diálogo, à conversa, foi aumentar o nível de exigência, solicitando por semana como produção duas reportagens ao invés de uma.

Outra mudança foi estabelecer no dia destinado à disciplina agendado na grade do aluno a presença de todos para uma grande reunião de pauta. Este encontro, além de servir de fato para discutir possíveis temáticas a serem apuradas, acabou mostrando-se o espaço ideal para sugerir mudanças, novas estratégias, ou seja, qualquer ação que fosse voltada para melhorar a gestão do JPP. Na verdade, as reuniões de pauta se tornaram uma grande arena de debates, não só dos temas, mas de nossas dificuldades naquele momento. Pois era isso, as dificuldades eram de todos nós.

Muitas coisas foram testadas a partir de ideias lançadas pelos alunos, como busca por novos formatos para a veiculação das informações, planejamento de lives, podcasts, produção de vídeo reportagens, e tudo isso feito de casa, apenas com os recursos disponíveis por cada um, sem encontros presenciais. O que podia ser um empecilho transformou-se em desafio, e os resultados foram surgindo. Estava claro que os alunos tinham conhecimento e precisavam apenas serem estimulados, provocados. Foi no susto que o semestre iniciou, mas no final já entendíamos melhor o momento que vivíamos e como era possível lidar com ele.

Veio o segundo semestre de 2020. Novos alunos, uma nova etapa. Ainda vivendo uma pandemia, com aulas somente no formato remoto, o JPP tinha que continuar as atividades. Já havia um aprendizado construído e usá-lo era o foco. Nas reuniões de pauta via webconferência, que a essa altura já faziam parte da cultura do JPP, nasceu a ideia dos projetos, de construir um planejamento mais encorpado e audacioso para uma grande cobertura jornalística, ou um conjunto de produtos jornalísticos voltados a uma temática relevante, de impacto.

Assim, em outubro daquele semestre foi lançado o projeto Dias de Consciência, que tinha como meta todos os dias publicar um produto jornalístico que tivesse como tema central o racismo e a luta pela igualdade racial. Vários produtos, além de matérias diárias, foram desenvolvidos, como podcast, vídeo reportagem, entrevistas, culminando com uma live no dia 20 de novembro, dia que no Brasil celebra-se a Consciência Negra. Foram 20 dias ininterruptos de publicações, diárias, buscando cobrir uma gama de temáticas que tocassem os problemas mais sensíveis à discriminação racial que ocorre no país e no mundo.

O projeto foi um sucesso, ocasionou engajamento dos estagiários e do público do JPP, e despertou para a potencialidade do jornal, ressaltando o nível dos alunos, ganhando elogios da coordenação e da reitoria da instituição. Após o desafio transposto e, principalmente após o entendimento que era sim possível desenvolver um bom trabalho mesmo estando todos à distância, sem a possibilidade de encontros presenciais, os objetivos foram revistos e passaram a ser mais ambiciosos ainda. Mas havia uma lacuna ainda a ser preenchida, que mesmo com as mudanças introduzidas e os avanços conquistados continuava aberta: a falta de convivência, de uma troca mais estreita entre todos se fazia cada vez mais presente.

### *2.1.1 A nova organização do trabalho no JPP: o uso do aplicativo Discord*

Em 2021 abrimos o semestre com uma novidade. Agora nós tínhamos uma redação virtual que passaria a ser gerenciada por um aplicativo chamado Discord<sup>1</sup>. Inicialmente projetado para comunidades de jogos, o aplicativo possui elementos que se adaptaram muito bem às necessidades do controle e produção do jornal.

Várias salas foram formadas, o que possibilitou a divisão das tarefas e também facilitou o controle. Um ponto foi criado e toda vez que os alunos entravam para cumprir suas horas de estágio colocavam a indicação do horário de entrada bem como depois o de saída. Os estagiários obrigatórios e os voluntários também passaram a ter “salas” próprias já que a cobrança das horas, por exemplo, não cabia aos voluntários.

Tarefas que não tinham propriamente a ver com a produção jornalística, como a estética usada para as chamadas nas redes sociais ou mesmo as elaboradas para os projetos, para as coberturas especiais, passaram a ser discutidas, revistas também num espaço dentro do Discord especialmente criado para essa função, o PLANEJAMENTO DE REDES.

Outras funcionalidades também foram usufruídas a partir da utilização do aplicativo, como ter noção exata da produção, do timing das matérias (sua urgência em ser publicada), dúvidas, sugestões de pauta, possibilidade de troca de contatos etc.

Além das vantagens já dispostas, o Discord possibilitou que a comunicação também fosse quase que face a face, pois conforme as dúvidas dos estagiários eram colocadas no chat, de imediato era possível responder. Assim, toda a dinâmica de produção passou a ser acompanhada muito mais de perto, como a pauta do dia, como a desenvolver, quais as fontes a serem consultadas, e também o controle sobre a produção se tornou mais efetivo, uma vez que após a produção da reportagem finalizada era obrigatório a postagem do produto na “sala REVISÃO”.

## **3 | QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

O mundo mudou muito nos últimos anos e a tecnologia, hoje presente na vida de quase todos, mexeu com estruturas que pareciam concluídas ou estabilizadas. A escola é uma delas, pois muitos acreditavam que o formato da sala de aula seria indestrutível, ou pelo menos muito pouco alterado. Mas o avanço da ciência e o fácil acesso a ferramentas mexeram com a educação.

Mas não só a educação foi impactada pela tecnologia, o trabalho do jornalista também. Não há uma plataforma, desde as tradicionais, como rádio e TV, até as mais recentes, como os portais noticiosos, que não façam uso de ferramentas tecnológicas, e que este também não mexa com as rotinas de trabalho, obrigando sempre os profissionais a

<sup>1</sup> Disponível em <https://discord.com/brand-new> Data de acesso 14 maio 2021.

se adequarem. Deste modo, essas mudanças já vêm impactando também as estruturas curriculares das graduações, visando atualizar as atividades e as discussões teóricas às mais recentes práticas implantadas nas redações. Assim, hoje é comum as disciplinas que envolvem produção, apuração e edição de reportagens, indiferentemente da plataforma, utilizarem as redes sociais, por exemplo, tanto para captação/checagem de informações, como meio de veiculação, pois essa é a uma das realidades que os recém-formados vão encontrar no meio jornalístico.

Além de transformações que advêm do uso de novos meios, o novo universo que a internet trouxe, o atual formato do trabalho jornalístico, bem como a crescente interação hoje tão apreciada, gera um grande volume de informação, criando a necessidade de rever/aprender competências específicas para lidar com essa situação. As denominadas competências infocomunicacionais nascem desse contexto e são defendidas por Borges et al. (2014) e Kenski (2015) como essenciais nos processos de gestão, pois ao adquiri-las é que há entendimento da técnica, dando autonomia aos indivíduos, no caso específico, aos profissionais do jornalismo, a lidarem melhor com o novo arranjo produtivo.

As competências infocomunicacionais são divididas em três grupos: operacionais, em informação e em comunicação. Na verdade, não há um espaço que as delimite, pois “a exploração de informações na internet exige um conjunto de capacidades único e específico para cada situação”. (OLIVEIRA, 2016, p. 76)

Como *competências operacionais* pode-se citar a destreza ao manipular dispositivos tecnológicos, desde smartphones até softwares mais complicados. Essa competência requer constante atualização por parte dos indivíduos. A *competência em informação* diz respeito à habilidade em usá-las para solucionar problemas e aplicá-las, visando novos conhecimentos e aptidões. A capacidade de análise e seleção costuma ser muito cobrada aos jornalistas nesse patamar. E, por fim, há a *competência em comunicação*, que refere-se à capacidade de interação em diferentes ambientes que a virtualidade proporciona.

Marcos Silva, sociólogo e professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) faz essa advertência pensando no contexto da educação presencial: é necessário levar o ensino para o espaço cibernético, e mais, extrair dele tudo que possa oferecer de novo. Assim, Silva (2010, p.38) propõe que “a formação dos professores para docência presencial ou online precisará, então, contemplar a cibercultura”. E complementa indicando quatro exigências necessárias para o processo ter sucesso. Dentre elas, o autor destaca que o professor deve entrar de vez no espaço cibernético, entender algumas funções ou potencialidades da virtualidade, como as interfaces e as ferramentas. Silva (2010) adverte para a diferença que há entre as duas funções citadas e coloca as “interfaces” como as primeiras a serem dominadas pelos professores. Como *interface* pode-se citar a interatividade nas redes sociais como um exemplo. E, como *ferramentas*, o autor destaca a capacidade de serem um importante instrumento de aprendizagem, como os aplicativos, softwares e outros, que podem e devem ser usados

no campo da educação.

Focando agora a reflexão nos discentes, no artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso De Jornalismo, entre as Competências Gerais que se espera do egresso está “utilizar as tecnologias de informação e comunicação” (MEC, 2013, pág.3); “pautar-se pela inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos” (MEC, 2013, pág.3). Em destaque, em virtude da natureza da discussão, também nas DNCs, no Artigo 2º, item IV, está posto a necessidade de “inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional” (MEC, 2013, pág.1), o que justifica a relevância do experimento bem como refletir sobre ele de modo mais aprofundado.

## 4 | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE

Desde a implantação do aplicativo Discord para gerenciar as tarefas dos estagiários junto ao JPP havia a preocupação de não estar apenas buscando uma alternativa mais prática para lidar com a nova forma de trabalho, agora apenas no formato remoto. Era importante melhorar a performance dos alunos no jornal, pois nunca o estágio no JPP teve como propósito apenas dar conta do preenchimento de horas exigidas pelas DCNs, mas, de fato proporcionar uma experiência próxima às redações jornalísticas. O formato de aulas remotas, especialmente por ter “roubado” o convívio, a discussão e troca tão comum às redações, precisava encontrar um meio de diminuir a lacuna que se abria, a ideia de não pertencer a um grupo, de não estar inserido em algo que é comum, que é feito por pares. Assim, o aplicativo veio para restaurar a ligação entre todos, alunos, monitores e professor orientador, o que de fato, além do trabalho desempenhado, caracteriza uma redação jornalística.

Embora o JPP não cumpra pautas enviadas, ou seja, o jornal é todo desenvolvido pelos alunos desde a sugestão das pautas, há sempre um olhar para o entorno, o local, tanto para o espaço universitário, com suas múltiplas atividades, acadêmicas e culturais, como para o “local cidade”, o município de Duque de Caxias. Muitos de nossos alunos são moradores da cidade ou de lugares próximos, o que faz este universo ser bastante lembrado nos temas sugeridos nas pautas. Assim, embora como já dito não haja demandas externas a serem cumpridas, o JPP tem uma produção consistente de matérias que versam sobre o que impacta os estudantes em seu dia a dia, desde assuntos comuns aos jovens, como cultura e tecnologia, até temas relacionados à cidade citada. Embora o trabalho desenvolvido no JPP não possa ser caracterizado exatamente como *service learning*, há muito do conceito, principalmente após a introdução do Discord.

Para Karayan e Gathercoal, 2005, *apud* Beresford, 2019, *service learning* refere-se à oportunidade de o aluno desenvolver serviço comunitário utilizando habilidades acadêmicas, porém refletindo sobre o processo. Como já destacado, o JPP não trabalha habitualmente com solicitações externas, mas o que acabou ocorrendo, principalmente

após o uso do aplicativo, foi que a percepção das necessidades e das oportunidades que estão próximas aos discentes se tornou mais produtiva. Também as competências relativas ao trabalho jornalístico se fizeram mais visíveis, fazendo com que os alunos fossem buscar em seu estoque de conhecimento conceitos e práticas dadas em disciplinas já cursadas. Os procedimentos que precedem uma entrevista jornalística, por exemplo, podem ser citados como um exemplo. Algumas das matérias desenvolvidas com pautas sobre fatos relacionados a Duque de Caxias exigiam contato para sanar dúvidas via entrevistas, com autoridades locais, ou mesmo com moradores ou protagonistas dos temas abordados. Rapidamente a interlocução que o aplicativo promove, através das salas de reuniões montadas, era posta à prova, pois as dúvidas e os receios eram expostos, os quais eram debatidos entre os alunos através de trocas de experiências ou apenas sugestões, e quando necessário a intervenção do professor orientador também ocorria, transformando a sala virtual em um espaço de aprendizagem e troca muito semelhante às redações jornalísticas físicas.

Outro aspecto que faz estreitar os laços com o conceito de *service learning* é a oferta à reflexão sobre o trabalho jornalístico que o uso do aplicativo proporcionou. Antes, já no modelo de aulas remotas, mas sem o uso do Discord para gerenciar o jornal, as percepções sobre as rotinas produtivas e também sobre as temáticas e o papel do jornalismo acabavam esvaziadas, sem debate, não estimulando reflexão. O afastamento social de fato desfavoreceu essa parte referente à vivência do estágio. Ainda por conta das pautas relacionadas à cidade e ao dia a dia dos estagiários, o debate sobre a importância do jornalismo local e participativo veio à tona de forma natural, possibilitando aprofundar questões, e de fato refletir sobre a importância da inclusão de mais temas nos debates públicos.

Essas pautas não são necessariamente atendidas pelas grandes corporações midiáticas, o que ocasiona o fenômeno do contra- agendamento. Aliás, a teoria de que há um “agendamento” também praticado pela sociedade hoje se faz muito presente, uma vez que a internet possibilita um espaço mais plural de opiniões, além de mais democrático em relação ao acesso (BARRETTA; CERVI, 2012, apud SANTOS *et al*, 2019, pág. 6).

Até mesmo aspectos correlacionados e estudados em disciplinas já cursadas, como o conceito de contra agendamento, foram redescobertos, quase como algo novo, pois se materializava nas conversas nas salas de reunião virtuais, deixando de ser apenas um “conceito”. Outro tema incorporado ao debate foi o que é *jornalismo crítico* hoje, defendido por autores como uma prática necessária à atualidade. Para Santos *et al* jornalismo crítico é “a percepção de um jornalismo mais voltado a questões sociais, as quais afetam diretamente uma camada do público” (2019, pág. 6).

Mais um ponto a ser destacado e refletido após o uso do Discord no JPP é a forma como as atividades passaram a ser vistas. Com a experiência do trabalho apenas

no formato home office inicialmente e, posteriormente, ainda em home office mas com o auxílio do aplicativo, a comparação se torna possível. Assim que o estágio foi transformado para remoto, logo o afastamento social e emocional dos alunos em relação às atividades desempenhadas ficou claro. Eles continuavam a executar suas tarefas, cumprir prazos, mas a relação com o trabalho ficou prejudicada. Após a implementação do Discord, principalmente pelo estreitamento da convivência que o aplicativo proporcionou, o foco nas rotinas e na produção mudou. Pink (2019) descreve as tarefas que são desempenhadas como algorítmicas ou heurísticas. Tarefa algorítmica é aquela que segue instruções ou regras para realizá-las e, normalmente, há apenas um caminho para executá-la. Já a tarefa heurística é o oposto: precisa-se experimentar muitas possibilidades para desenvolver uma solução nova. Embora o Discord não tenha mudado as rotinas de produção do JPP, até porque não cabia, ou seja, os estagiários continuaram a realizar tarefas algorítmicas, o aplicativo acabou dando espaço para que “novas soluções” também fossem propostas. Antes, por conta do desempenho dos estagiários ser muito solitário, as produções pensadas eram exatamente feitas da forma idealizada, ou não, não eram realizadas, se perdiam. Com o Discord, agora havia um meio, um veículo que poderia reunir ideias, propor soluções para os desafios ou adversidades que surgiam durante as produções. Assim, algumas tarefas tornaram-se heurísticas, motivando a criatividade e a habilidade dos estagiários a lidarem com problemas, estimulando criatividade, capacidade de enfrentar problemas e a olhar para eles com racionalidade, de fato buscando caminhos alternativos, mas viáveis, outra competência que se impõe ao atual modelo de trabalho jornalístico, especialmente no ambiente digital. Hoje os desafios do jornalismo na busca por novos caminhos são muitos, não só para conviver com diferentes produtores de conteúdo, já que a internet trouxe essa possibilidade, mas principalmente reafirmar seu espaço, consolidar propostas e marcar território, evidenciando sua importância e necessidade, mas também não negligenciando temas e debates que o público deseja. A internet impôs mudanças ao jornalismo, sem dúvida, mas não dispôs de sua necessidade, muito pelo contrário, evidenciou a relevância de um jornalismo mais plural, aprofundado e ético.

Resumindo, a introdução do aplicativo fez com que as dúvidas ou a opinião dos estagiários não se perdessem apenas dentro dos pensamentos e reflexões solitários dos mesmos. Agora ecoavam e estimulavam que todos pudessem se expressar, o que se tornou um campo muito fértil e fácil para o professor orientador criar pontes entre conceitos/teorias e prática/mundo do trabalho. Em última instância, este é o maior objetivo do estágio: aproximar a teoria da sala de aula à prática, à realidade do trabalho jornalístico.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando da introdução do aplicativo Discord para gerenciar as atividades do JPP, uma dúvida logo surgiu: será que é válido usar um aplicativo criado para comunidades de

jogos como estratégia educacional? Não é simples tomar decisões sobre algo novo, que nunca foi usado, ainda mais em um momento tão especial, como o que vivemos em 2020 e no primeiro semestre de 2021 na educação brasileira. A pandemia trouxe muitas perdas, de vidas, de convivência, e tantas outras. Mas para a educação de uma forma geral ainda serão necessários anos para se contabilizá-las com exatidão.

No entanto, se há um lado bom, é que a urgência acabou sendo uma aliada, pois os problemas estavam ali e precisavam ser solucionados, ou ao menos encarados, vistos, e não negligenciados. Foi assim com a gestão do JPP. Havia perdas e lacunas a serem sanadas, e a mais urgente era a da falta do convívio, do debate que a presença física sempre estimulou na redação do jornal, e que o modelo remoto havia roubado.

É claro que outras alternativas foram testadas, como criar grupos no WhatsApp, usar a plataforma educacional disponibilizada pela IES como veículo agregador de informações, imposição de reunião de pauta semanal via vídeo conferência, etc., mas nenhuma delas se mostrou tão viável e completa como o Discord. A razão para isso tem a ver com os predicados do aplicativo, de poder dispor de suas potencialidades da forma que melhor atenda às necessidades. Aí há de se destacar o conhecimento dos monitores do JPP, alunos também do curso de Jornalismo, sobre o aplicativo e as rotinas do jornal, o que facilitou entender, junto às exigências do professor orientador que dessem conta de facilitar a avaliação do desempenho dos alunos de forma contínua, como usar e organizar o aplicativo para simular uma redação jornalística.

Agora havia um 'lugar' para estar, para debater, para colocar as dúvidas, para sugerir, para expor deficiências, para juntar informações, para testar novidades, estéticas diferentes, enfim, um espaço que reunia o que as demais plataformas citadas já davam, mas que nenhuma delas ofereceu de forma única e integrada.

Para finalizar, é importante destacar que a introdução do aplicativo não sanou todos os problemas enfrentados desde a imposição do modelo remoto. Talvez para muitas profissões o trabalho home office se apresente, de agora em diante, como uma realidade e não mais como possibilidade. Para o jornalismo também, mas não certamente para TODO o trabalho jornalístico. Foi exatamente a experiência da troca, tão comum e fundamental a algumas rotinas jornalísticas, que se evidenciou insípida durante a realização do estágio remotamente. É por isso que a profissão está inserida no campo das Ciências Sociais: necessita de parceria, de troca, de debate, de confronto, de checagem, ações que acabam sendo prejudicadas quando o convívio humano não é possível, quando não há sociabilidade.

## REFERÊNCIAS

BERESFORD, T.L. **Service learning: uma aposta para o futuro**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, 2019. Disponível em [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/61093/1/Thiago%2bLea\\_o%2bBeresford.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/61093/1/Thiago%2bLea_o%2bBeresford.pdf) Acesso 02 ago. 2021.

BORGES, J. et al. **Competências infocomunicacionais: um conceito em desenvolvimento**. In PASSARELLI, Brasilina; SILVA, Armando Malheiro da; RAMOS, Fernando (Orgs.). E-infocomunicação: estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014, p. 125-144.

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). **Interdisciplinaridade - para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2015.

MACHADO, E. **Jornalismo na Internet**. Trabalho apresentado na reunião do grupo de pesquisa sobre jornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/447f9524b966a91df3171c9ce3e51284.pdf> Acesso 06 jul. 2021.

OLIVEIRA, C. T. C. **Novas Tecnologias Aplicadas à Educação**. São Paulo: Editora SENAC, 2016.

PINK, D. H. **Motivação 3.0**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

PORTAL MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Resolução Nº 1, de 27 de setembro de 2013. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192) Acesso 06 jul.2021.

SANTOS, F *et al.* **Jornalismo digital e audiência: questões de engajamento e produção de conteúdo**. Trabalho apresentado ao GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom 2019.

SILVA, M. **Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online**. Revista Digital de Tecnologia Cognitivas (Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – PUC – SP), número 3, janeiro – junho/2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artistas 41, 80, 84, 86, 91, 100, 120

### C

Carreira 36, 56, 81, 84, 86

Comunicação 1, 3, 7, 13, 14, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 52, 53, 54, 65, 66, 68, 72, 74, 99, 100, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 125, 128, 140

Comunidade 127, 128, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Conocimiento 127, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 3, 6, 9, 27, 28, 30, 45, 49, 75, 80, 99, 100, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 134, 136, 138

### D

Discurso 34, 39, 50, 53, 54, 55, 66, 89, 99, 100, 101, 102, 109, 111, 112, 120, 125, 140

### E

Educação 2, 7, 9, 12, 29, 30, 66, 67, 68, 69, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 101, 124, 128, 140

### F

Feminicídio 14, 15, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25

### G

Gênero 14, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 45, 49, 53, 100, 101, 111

### H

Herramientas 127, 128, 129, 131, 136

### J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 50, 102, 140

### L

Legislação 23, 75, 76

### M

Merchandising 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Metaverso 27, 28, 32, 33, 48, 50

Mídia 14, 17, 30, 48, 53, 54, 55, 66, 67, 68, 75, 77, 78, 99, 111, 123, 140

## **P**

Paradigma 30, 123, 130

Participación 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139

Política 25, 28, 29, 34, 35, 39, 45, 46, 50, 100, 102, 107, 109, 110, 111, 114, 118, 124, 131, 137, 139, 140

## **Q**

Quadrinhos 99, 100, 104, 105, 111, 112

## **R**

Redes sociais 3, 4, 5, 7, 8, 34, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 76, 82, 93, 118

Reflexão 1, 2, 3, 9, 10, 38, 52, 117

## **S**

Saúde 34, 45, 48, 71, 73, 74, 75, 76

Social 1, 2, 3, 4, 10, 11, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 31, 39, 46, 47, 48, 50, 53, 66, 68, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 89, 97, 99, 101, 102, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 122, 123, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Sociedade 4, 10, 13, 16, 17, 23, 24, 38, 40, 53, 54, 68, 72, 74, 75, 76, 89, 101, 102, 109, 114, 115, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 140

## **T**

Tambores 27, 28, 29, 31

Televisão 14, 18, 19, 21, 24, 25, 31, 32, 35, 52, 53, 54, 65, 69, 73, 75, 85, 92, 100, 102, 116, 117

Toxicômanos 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 78

Transformação 37, 41, 59, 60, 101

Tribos 27, 28, 29



# COMUNICAÇÃO:

## Mídias, temporalidade e processos sociais

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# 3

